1. CAPITALISMO, CLASSE E A FRONTEIRA DA MERCADORIA: EM DEFESA DA DIALÉTICA, CONTRA A ARITMÉTICA VERDE (PRÓLOGO)

Jason W. Moore

Escrevendo em meio ao maior boom econômico na história do capitalismo, um historiador texano chamado Walter Prescott Webb acreditava que o colapso era iminente. O ano era 1952. Webb argumentava que o capitalismo moderno foi possível por causa da Grande Fronteira, aberta em 1492. A *Europa*, chamada por ele de "Metrópole", era pobre em 1492; ela enriqueceu por meio dos *windfall profits* (algo como "ganhos inusitados") que a "descoberta" forneceu ao capitalismo moderno. Tais *windfall* incluíam terras férteis, florestas, campos e riquezas minerais. Como todo *windfall* desse tipo, eles não eram fruto do trabalho duro, como na fábula de Adam Smith sobre burgueses parcimoniosos e trabalhadores. Para Webb, os *windfall* foram golpes de sorte biológicos e geológicos. A essência de sua teoria *windfall* do capitalismo moderno era a seguinte:

> Nada promove mais o capitalismo que um *windfall*, tal como, tal como a descoberta de um poço de petróleo em uma terra sem valor, o crescimento de uma cidade em torno de acres sem valor ou a herança de algum parente. Nós temos visto pessoas humildes se tornarem e se comportarem como capitalistas da noite para o dia. Esse é de longe o modo mais fácil de se conseguir uma fortuna... o nosso ponto de partida pode ser o seguinte: ... o capitalismo moderno tem se desenvolvido de modo inédito desde a abertura da Grande Fronteira e o capitalismo como um sistema econômico nunca teve grandes reveses até tal fronteira fechar.[1]

1 WEBB, Walter Prescott. The Great Frontier: A Disappearing Boom. *The Georgia Review*, v. 8, n. 1, p. 17-28, 1954.

Webb não era radical. Ele pensava expressamente em termos racialistas e não tinha simpatia por determinismos ambientais – ainda que não tanto quanto denunciado por críticos posteriores.[2] Na melhor das hipóteses, ele era ingênuo a respeito dos *windfalls*. Estes dificilmente foram acidentais, ainda que os enormes ganhos não fossem previstos. A América não foi "descoberta". Foi uma invasão: uma estratégia militarizada de acumulação que avançou as fronteiras da mercadoria por força das armas. Na pior das hipóteses, Webb foi um defensor do imperialismo, afinado com a ortodoxia de sua época. Ele argumentou, por exemplo, que o avanço das liberdades individuais e da democracia foi fruto dos *windfalls*. Mas Webb também não era um modernizador liberal que acreditava na ideologia do Progresso. Ele percebeu o que correntes majoritárias do pensamento radical e liberal não conseguiram: a audaciosa expansão "econômica" do capitalismo ao longo de quatro séculos de desenvolvimento mundial estava intimamente ligada a sua capacidade de se apropriar do trabalho biogeográfico da vida planetária. Tais apropriações eram os *windfalls*. Elas beneficiaram principalmente os maiores acumuladores de capital, concentrados acima de tudo nos centros imperialistas: a Metropole de Webb.

Essa não é uma teoria radical. Da mesma forma que Polanyi uma década antes, Webb conceitualizou a longa história mundial da era moderna e suas contradições econômicas sem uma teoria de exploração de classe.[3] Ainda assim, a sua contribuição foi significativa. Assim como a formulação precoce de Polanyi a respeito das abstrações reais da modernidade – as "mercadorias fictícias" da terra, trabalho e dinheiro alienadas de suas relações socioecológicas – a Grande Fronteira de Webb abriu as portas para a desfetichização das contradições geográficas do capitalismo.

Diferentemente do famoso "duplo movimento" de Polanyi, contudo, poucos trilharam o caminho aberto por Webb. Ele foi frequentemente desprezado como um determinista

2 Ver, especialmente, a reflexão instigante de Dan Flores: FLORES, Dan. Thinking about Bioregional History. *In*: MCGINNIS, M. V. (org.) *Bioregionalism.* New York: Routledge, 1999. p. 43-60.

3 POLANYI, Karl. *The Great Transformation.* Boston: Beacon, 1954 [1942].

ambiental.[4] Há alguma verdade na caracterização, mas apenas em parte. Webb com frequência foi além de sua análise binária do Homem contra a Natureza, mediada pela Civilização. Enquanto a crítica de Polanyi se baseava em abstrações reais, as ficções econômicas da terra, do trabalho e do dinheiro, Webb seguiu um caminho distinto. Ele escreveu a respeito das influências geográficas específicas sobre modos de produção na teia da vida. Tais influências não eram determinismos, mas *determinações*: influências. Nesse sentido, Webb rompeu decisivamente com o determinismo ambiental. As principais forças por ele descritas emanavam não da Natureza, e sim da Metrópole. O resultado era uma "teoria do produto invertida", que essencialmente invertia a ênfase de Innis nas particularidades socioecológicas de fronteiras da mercadoria como o bacalhau, as peles, o trigo e a madeira.[5]

Ao juntar dialeticamente dois insights, eu elaborei inicialmente uma geografia histórica da fronteira da mercadoria como "modo de expansão".[6] A fronteira era uma *lógica civilizacional* – a conquista sem fim da terra implicava e necessitava da acumulação sem fim do capital. E era uma geografia histórico-mundial: a fronteira não era a ilha da Madeira, a Bahia ou Barbados; era tudo isso e mais. A fronteira mercantil do açúcar foi a geografia histórica do arquipélago transatlântico do Rei Açúcar, formado pela dialética entre a conquista da terra e acumulação de capital.[7] Essa é uma diferença crucial entre meu método geográfico e interpretações rivais que adotaram o significante "fronteira da mercadoria". Fronteiras da merca-

4 TOBIN, Gregory. Walter Prescott Webb. *In*: WUNDER, John (ed.). *Historians of the American Frontier*. Westport, CT: Greenwood Academic Press, 1989. p. 713-729.

5 JONES, Eric L. The Environment and the Economy. *In*: BURKE, Peter (ed.). *The New Modern Cambridge History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. v. 13: Companion Volume. p. 15-42; INNIS, Harold A. *Essays in Canadian Economic History.* Toronto: University of Toronto Press, 2017.

6 MOORE, Jason W. Sugar and the Expansion of the Early Modern World-Economy: Commodity Frontiers, Ecological Transformation, and Industrialization. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 23, p. 409-433, 2000.

7 MOORE, Jason W. Madeira, Sugar and the Conquest of Nature in the "First" Sixteenth Century, Part I: From "Island of Timber" to Sugar Revolution, 1420-1506. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 35, n. 4, p. 345-390, 2009; MOORE, Jason W. Madeira, Sugar and the Conquest of Nature in the "First" Sixteenth Century, Part II: From Local Crisis to Commodity Frontier, 1506-1530. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 33, n. 1, p. 1-24, 2010.

doria são abreviações das dinâmicas de classe e imperiais que "produzem" espaços na teia da vida; tais teias da vida, por sua vez, permitem e constrangem as oportunidades para a acumulação de capital. Essa abordagem rejeita o regionalismo metodológico que era – e, infelizmente, permanece – hegemônico nas ciências sociais históricas.[8] A ecologia-mundo capitalista não é uma abstração teórica e sim um lugar realmente existente.[9] Por um quarto de século, essa orientação metodológica estimulou pesquisas que buscaram unificar a ascensão do capitalismo no Velho e no Novo Mundo – pesquisas que combinaram as interpretações de Brenner e Wallerstein na história ambiental mundial e na mudança climática.[10]

---

8 O desafio fundamental a tal regionalismo metodológico – e ponto de partida para qualquer análise histórico-mundial de processos regionais – é TOMICH, Dale W. *Slavery in the Circuit of Sugar*: Martinique and the World-Economy, 1830-1848. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1990; a minha elaboração pode ser encontrada em MOORE, Jason W. *Ecology and the Rise of Capitalism*. Dissertação (Doutorado em Geografia) – Department of Geography, University of California, Berkeley, 2007. A maioria das apropriações do conceito de fronteira da mercadoria o limparam de seu marxismo, de sua natureza histórico-mundial e de duas contradições ecogeográficas ativas, que simultaneamente reconstroem as condições de acumulação mundial e estendem a composição capitalizada da vida planetária. Elaborei esses argumentos por mais de uma década antes de condensá-los em MOORE, Jason W. *Capitalism in the Web of Life*. London: Verso, 2015. Surpreendentemente, a maioria dos usos do conceito de fronteira da mercadoria tem recolocado meus argumentos de forma tão fundamentalmente hostil a minha perspectiva que se tornaram frequentemente irreconhecíveis, como nas reformulações anódinas de fronteiras "expansionistas" e a "economia global"; ver, *inter alia*, BECKERT, Sven *et al*. Commodity frontiers and global histories: the tasks ahead. *Journal of Global History*, v. 16, n. 3, p. 466-469, 2021; BECKERT, Sven *et al*. Commodity frontiers and the transformation of the global countryside: a research agenda. *Journal of Global History*, v. 16, n. 3, p. 435-450, 2021. Exceções importantes, que abraçam o materialismo histórico e a leitura ecológico-mundial da fronteira da mercadoria como uma dinâmica de classe, incluem CAMPLING, Liam. The tuna "commodity frontier": business strategies and environment in the industrial tuna fisheries of the Western Indian Ocean. *The Journal of Agrarian Change*, v. 12, n. 2-3, p. 252-278, 2012; NIBLETT, Michael. *World Literature and Ecology*: The Aesthetics of Commodity Frontiers, 1890-1950. New York: Palgrave Macmillan, 2020; JAKES, Aaron G.; SHOKR, Ahmad. Finding value in Empire of Cotton. *Critical Historical Studies*, v. 4, n. 1, 107-136, 2017.

9 MOORE, Jason W. Amsterdam is Standing on Norway Part I: The Alchemy of Capital, Empire, and Nature in the Diaspora of Silver, 1545-1648. *The Journal of Agrarian Change*, v. 10, n. 1, p. 33-68, 2010; MOORE, Jason W. Amsterdam is Standing on Norway Part II: The Global North Atlantic in the Ecological Revolution of the Long Seventeenth Century. *The Journal of Agrarian Change*, v. 10, n. 2, p. 188-227, 2010.

10 BRENNER, Robert. Agrarian class structure and economic development in pre-industrial Europe. *Past & Present*, v. 70, p. 30-75, 1976; WALLERSTEIN,

Essa observações histórico-mundiais prepararam o caminho para o que mais tarde eu chamaria de Natureza Barata, na qual o poder imperial e a mercantilização se fundiram para permitir a ampla apropriação de trabalho não pago pelo capitalismo, a verdadeira base de seu prodigioso desenvolvimento industrial.[11] A fronteira da mercadoria, em outras palavras, ofereceu uma forma de ilustrar o insight agudo de Marx sobre a ascensão da indústria em grande escala: "apenas a enorme queda nos preços do algodão permitiram à indústria do algodão se desenvolver como se desenvolveu".[12]

A tese de Webb oferece um caminho para expandir a interpretação de Marx a respeito do problema da fronteira para além da metafísica burguesa de von Thünen's, que, infelizmente, ainda retém muita força.[13] Os planos geométricos de Von Thünen abstraíram as relações de classe e imperiais que estavam no centro da concepção de Marx e Engels a respeito da divisão de trabalho entre cidade e campo. Não por acaso, em seu estudo pioneiro sobre Chicago e o capitalismo agrário nos Estados Unidos do século XIX (escrito na primeira grande fase de neoliberalização acadêmica), Cronon optou por von Thünen em vez de Marx, o que teria sido impensável uma dé-

---

Immanuel. *The Modern World-System I*: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. New York: Academic Press, 1974. For my synthesis, see MOORE, Jason W. Nature and the Transition from Feudalism to Capitalism. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 26, n. 2, p. 97-172, 2003; MOORE, Jason W. The Modern World-System as Environmental History? Ecology and the Rise of Capitalism. *Theory & Society*, v. 32, n. 3, p. 307-377, 2003; MOORE, Jason W. Über die Ursprünge unserer ökologischen Krise. *Prokla*, n. 185, p. 599-619, 2016; MOORE, Jason W. Empire, Class & The Origins of Planetary Crisis: The Transition Debate in the Web of Life. *Esboços*, n. 28, p. 740-763, 2021; PATEL., Raj; MOORE, Jason W. *A History of the World in Seven Cheap Things*. Berkeley: University of California Press, 2007.

11 MOORE. *Capitalism in the Web of Life*, op. cit.

12 MARX, Karl. *Theories of Surplus Value*, Vol. III. Moscow: Progress Publishers, 1971. p. 368.

13 THÜNEN, Johann Heinrich von. *Isolated States*: An English Edition of Der Isolierte Staat. Peter Hall (ed.). London: Pergamon, 1966. A referência clássica sobre a influência de von Thünen na história ambiental é CRONON, William. *Nature's Metropolis*: Chicago and the Great West. New York: W. W. Norton and Company, 1991. A crítica de David Harvey a von Thünen permanece indispensável: HARVEY, David. The spatial fix – Hegel, von Thünen, and Marx. *Antipode*, v. 13, n. 3, p. 1-12, 1981; em relação à produção da fronteira norte-americana, ver PAGE, Brian; WALKER, Richard. *Nature's Metropolis*: The Ghost Dance of Christaller and von Thünen. *Antipode*, v. 26, n. 2, p. 152-162, 1994.

cada antes. O problema é maior do que uma pequena desavença acadêmica. O conceito de fronteira sem uma teoria de formação de classe – que Marx esboçou no *Capital* um século antes – era uma ideia facilmente apropriada pelo neo-Malthusianismo. Podemos ver isso já em 1965, com *The Hungry Planet* de Borgstrom e sua tese sobre os "acres fantasma".[14] Vem daquele momento a confluência do pensamento neo-malthusiano com o ambientalismo pós-1968, com ideias em torno da "exaustão ecológica" e as metáforas em torno de pegadas, obedientemente recicladas por historiadores.[15] A tendência neo-malthusiana também não tem sido questionada, e muito menos superada, nas apropriações recentes da fronteira da mercadoria. Em um texto programático recente, encontramos um argumento em defesa do conceito sem referência à história da formação de classe, sem qualquer teoria de exploração de classe, sem interpretações da contradição socioecológica e sem um conceito de acumulação de capital.[16] Em suma, aqui está uma versão rigorosamente "recuperada" da tese da fronteira da mercadoria – como situacionistas diriam – totalmente em sintonia com o triunfo neoliberal na academia.[17]

Em contraste com Innis e Polanyi, mas próximo de Braudel – na verdade, prefigurando Braudel –, Webb situou as fronteiras do capitalismo no ambiente total.[18] Em seu clássico estudo, *The Great Plains*, Webb esboçou uma abordagem geo-histórica. Ele apreendeu as relações sociais como um conjunto necessariamente maleável e dinâmico de negociações com e nas redes da vida. Os modelos agrícolas estadunidenses do

---

14 BORGSTROM, Georg. *The Hungry Planet*: The Modern World at the Edge of Famine. New York: The MacMillan Company, 1965.

15 CATTON, William R. *Overshoot*: The Ecological Basis of Revolutionary Change. Urbana: University of Illinois Press, 1982; POMERANZ, Kenneth, *The Great Divergence*: China, Europe, and the Making of the Modern World Economy. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

16 BECKERT, *et al.*, *Commodity frontiers and the Transformation of the Global Countryside*, op. cit.

17 MCDONOUGH, Tom (ed.). *Guy Debord and the Situationist International*: Texts and Documents. Cambridge, MA: The MIT Press, 2004.

18 BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. 2nd ed. New York: Harper & Row, 1972 [1966]. v. 1; MOORE, Jason W. Capitalism as World-Ecology: Braudel and Marx on Environmental History. *Organization & Environment*, v. 16, n. 4, p. 431-458, 2003.

século XIX do Leste e do Sul não podiam sobreviver à aridez, ventos severos e invernos brutais das grandes planícies continentais, uma enorme zona que ia de Nebraska a Utah, das Dakotas ao meio do Texas. Conforme o capitalismo se deslocava para novos ecótonos, "cada instituição levada [para as fronteiras das Planícies] era destruída e reconstruída ou profundamente transformada."[19] O resultado dessa destruição e recomposição fronteiriça foi a "civilização das Planícies"[20]

O clima e topografia da região moldaram o modo de produção das Planícies; este, por sua vez, transformou os ambientes das Grandes Planícies.[21] Comparado aos modelos de Turner e von Thünen, a tese da fronteira de Webb capturou as relações sociais dinâmicas de "lugar" e "processo" como irredutivelmente socioecológicas.[22] A fronteira das Planícies era uma adaptação poderosa aos ambientes climáticos, hidrográficos e geológicos dos Estados Unidos continental, ainda que tais adaptações criassem possibilidades prometeicas de transformação de uma época: um grande movimento de "arame farpado e moinhos de vento", que produziu a mistura peculiar da região entre pecuária, produção simples de merca-

19 WEBB, Walter Prescott, *The Great Plains.* 2nd. ed. Lincoln: University of Nebraska Press, 2022 [1931]. p. 12.

20 WEBB, *The Great Plains*, op. cit, p. 19.

21 Alguma confusão geralmente emerge em torno do termo "modo de produção". Marx usou o termo em ao menos três formas distintas. Cada uma opera em um nível distinto de abstração: 1) para se referir "aos métodos e técnicas efetivamente usados na produção de um valor de uso específico"; 2) para se referir "à forma característica do processo de trabalho sob as relações do capitalismo", qm eu a relação capital-trabalho constitui "uma representação abstrata de um conjunto razoavelmente definido de relações"; e 3) para se referir "holisticamente e com fins comparativos... à toda a gama de relações de produção, troca, distribuição e consumo, bem como aos arranjos institucionais, jurídicos e administrativos, a organização política e o aparato estal, a ideologia e as formas características de reprodução social (classe). Esse conceito abrangente, mas altamente abstrato, é de várias formas o mais interessante, mas também cria as maiores dificuldades". HARVEY, David. *The Limits to Capital.* Chicago: University of Chicago Press, 1982. p. 25-26. A concepção socioecológica de Webb-Worsterde modos regionais de produção opera no segundo nível de abstração.

22 CRONON, William; MILES, George A.; GITLIN, Jay (ed.). *Under an Open Sky: Rethinking America's Western Past.* New York: W. W. Norton and Company, 1993. O texto fundador é TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the Frontier in American History*. Trabalho apresentado no encontro anual da American Historical Association, Chicago, 12 jul. 1893. Disponível em: http://nationalhumanitiescenter.org/pds/gilded/empire/text1/turner.pdf. Acesso em: 19 mar. 2023.

dorias e extração. "Os homens abandonaram", escreveu Webb, "os velhos métodos de cercamento da terra e busca por água e desenvolveram novos".[23]

Webb não chamou a nova formação social das Planícies de um modo regional de produção, mas era exatamente isso que ela era – um ponto que Worster desenvolveu posteriormente com sucesso.[24] Vale notar que nem Worster, nem marxistas (nem mesmo "marxistas ecológicos"!) destacaram a proximidade da ideia com o que Marx e Engels escrevem na *Ideologia Alemã*.[25] Aqui, Marx e Engels nos ensinam algo fundamental sobre a sociedade de classes e a luta de classes na teia da vida. "Modos de produção" e "modos de vida" estruturados pela classe formam uma unidade contraditória. "Toda escrita histórica", argumentam, "deve partir das bases naturais ['geológica, oro-hidrográfica, climática e assim por diante'] e suas modificações ao longo da história pela ação dos homens".[26] Deixe-me repetir: toda escrita histórica deve partir de uma apreensão das condições ambientais e suas modificações pelas sociedades de classe. É impossível exagerar o paralelo com as observações de Marx sobre o processo de trabalho no

23 WEBB, *The Great Plains*, op. cit., p. 4.

24 WORSTER, Donald, Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective in History. *The Journal of American History*, v. 76, n. 4, p. 1087-1106, 1990.

25 Para o marxismo ecológico, ver FOSTER, John Bellamy. *Marx's Ecology: Materialism and Nature.* New York: Monthly Review Press, 2000; BURKETT, Paul. *Marx and Nature.* New York: St. Martin's Press, 1999. O resultado é uma forma de materialismo histórico que é altamente vulnerável ao fetichismo da substância, ver MALM, Andreas. *Fossil Capital*: The Rise of Steam Power and the Roots of Global Warming. London: Verso, 2016. Essa interpretação integra as teias da vida como essência. Ela fundamentalmente instala um fetichismo dos recursos, na linha Innis, no circuito do capital. Malm corretamente reconhece a centralidade de teias específicas da vida para o desenvolvimento do capitalismo, mas por meio de uma filosofia externa das relações que coloca o carvão como uma coisa em si, ver MOORE, Jason W. The Capitalocene, Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy. *The Journal of Peasant Studies*, v. 45, n. 2, p. 237-279, 2018. A crítica clássica do fetichismo de recursos e sua forte relação com o pensamento malthusiano pode ser encontrada em HARVEY, David. Population, Resources, and the Ideology of Science. *Economic Geography*, v. 50, n. 3, p. 256-277, 1974.

26 MARX, Karl; ENGELS, Frederick. The German Ideology. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Frederick. *Collected Works, Vol. 5: Marx and Engels 1845-1847.* London: Lawrence & Wishart, 2010. p. 19-539. Grifo nosso.

Capital.[27] Modos de produção, como o indivíduo abstrato trabalhando nas teias da vida, entram em (e co-produzem) um "metabolismo social... interdependente" que simultaneamente transforma a "natureza externa" e as redes de relações de trabalho e poder.[28] Toda relação de classe, Marx e Engels nos lembram, faz "da produção da vida, tanto a sua própria por meio do trabalho e de vida nova pela procriação, como uma relação dupla: por um lado, como natural, por outro, como relação social""[29] A característica "social" dessas relações se junta – e não se separam – das "condições naturais em que o homem se encontra"; as relações sociais são "sociais no sentido que denota a co-operação de vários indivíduos", conforme a co-operação se forma e re-forma por meio de demandas reprodutivas diárias e intergeracionais.[30] Disso decorre uma observação importante, com implicações não apenas para a interpretação da história do capitalismo, mas também para a estratégia socialista. A co-operação nasceu dessa "relação dupla". Os "modos de co-operação" são "forças produtivas" capturadas pelo capital e pelo império, mas também por eles desenvolvidas, aprofundando as condições socioecológicas da solidariedades proletária.[31]

Percorremos um longo caminho a partir das formulações de Webb. Há muito pouco de esquerda naquelas formulações. Mas o materialismo histórico pode mobilizar dois grandes *insights* decorrentes da formulação de Webb a respeito dos momentos e padrões ativos da Grande Fronteira. Ambos são

27 MARX, Karl. *Capital*, Vol. 1. New York: Vintage, 1977. p. 283.

28 Citações, respectivamente, de MARX, *Capital*, op. cit., p. 283; MARX, Karl, *Capital*, Vol. 3. New York: Vintage, 1981. p. 949. Comparado ao determinismo da lei natural encontrado nas interpretações da ruptura metabólica, a formulação de Marx sobre uma "ruptura" – ele nunca usa o termo "ruptura metabólica" – *não* é determinado pelas "leis naturais da vida em si" (ver FOSTER, *Marx's Ecology*, op. cit.). Marx, no entanto, escreve que "o processo interdependente de metabolismo social [é] um metabolismo *prescrito* pelas leis naturais da vida em si", MARX, op. cit., p. 949. *Prescrito* se refere às "condições naturais" de um dado modo de produção em um ambiente específico; a escrita histórica parte dessas condições naturais e suas modificações – bem como suas adaptações para tais condições naturais dadas, e.g. vulcanismo, monções, flutuações solares.

29 Marx and Engels, *The German Ideology*, op. cit., p. 43.

30 Marx and Engels, *The German Ideology*, op. cit., p. 43.

31 Marx and Engels, *The German Ideology*, op. cit., p. 43. Grifo nosso.

centrais para a conversa em torno da ecologia-mundo. Primeiro, modos de produção são não apenas produtores, mas também produtos da teia da vida. Eles são entidades produtoras de natureza, que, como nos lembra Marx, transformam – simultânea e desigualmente – não apenas a "natureza externa", mas também o metabolismo social e seus arranjos políticos e de classe.[32] O segundo é a teoria histórico-geográfica de Webb a respeito da acumulação de capital. A tese de Webb de que o grande "boom" da acumulação mundial derivou dos lucros de *windfall* na Grande Fronteira sobreviveu ao teste do tempo – ainda que a maioria dos cientistas sociais a tenham ignorado. No entanto, elementos de sua crítica podem ser encontrados nas teorias radicais da dependência e na perspectiva de sistemas-mundo a respeito da pilhagem imperialista. Wallerstein inspirou-se explicitamente na teoria dos lucros de *windfall* de Webb no *Moderno Sistema Mundial*.[33] Comparado às concepções neoliberais da fronteira da mercadoria, atualmente predominantes, Wallerstein enxergou a expansão geográfica do capitalismo por meio da dialética do imperialismo e da formação de classe mundial na teia da vida.[34]

A leitura de Wallerstein a respeito da transição para o capitalismo – que inclui uma interpretação da crise feudal como uma "conjuntura sociofísica" – aponta para uma nova síntese, que amplia e reorienta elementos-chave da tese de Webb.[35] Wallerstein argumentou que a sobrevivência do capitalismo dependia de uma ampla reorganização imperialista da "ecologia mundial".[36] Os dois primeiros capítulos do *Moderno Sistema Mundial* estão organizados em torno dessa tarefa interpretativa. Essa era marcou a cristalização da estratégia da Natureza Barata.[37] Seu momento fundamental foi a fronteira mercantil do açúcar. O açúcar, escreveu Wallerstein, "foi um produto muito lucrativo e exigente, substituindo o trigo,

32 LEWONTIN, Richard; LEVINS, Richard. Organism and environment. *Capitalism Nature Socialism*, v. 8, n. 2, p. 95-98, 1997.

33 WALLERSTEIN, *The Modern World-System I*, op. cit., p. 77-78.

34 MOORE, *The Modern World-System as Environmental History?*, op. cit.

35 WALLERSTEIN, *The Modern World-System I*, op. cit., p. 35.

36 WALLERSTEIN, *The Modern World-System I*, op. cit., p. 44.

37 MOORE, *The Modern World-System as Environmental History?*, op. cit.

porém exaurindo o solo, de modo a demandar sempre novas terras (para não falar da força de trabalho exaurida por seu cultivo)... [Consequentemente] o cultivo de açúcar começou em ilhas mediterrâneas, depois se deslocou para as ilhas do Atlântico, de lá cruzou o Atlântico para o Brasil e as Índias Ocidentais. A escravidão seguiu o açúcar."[38] O açúcar nunca foi um processo puramente regional; ele perseguia solos férteis. "O eterno problema [do açúcar] foi a exaustão ecológica e a necessidade de encontrar zonas virgens para explorar; mas os lucros eram, consequentemente, altos."[39]

Significativamente, Wallerstein deu um toque marxista a uma antiga – e muito conservadora – tese historiográfica.[40] O problema não era o esgotamento do solo em si, mas como a sua exaustão se articula com a destruição da força de trabalho para produzir lucros. Como nota Marx no *Capital*, o desenvolvimento da indústria em larga escala esgota as "fontes originais de toda a riqueza: o solo e o trabalhador".[41] E, evidentemente, as fazendas de açúcar estavam entre as expressões mais prefigurativas da indústria em larga escala. [42] Não haveria Revolução Industrial sem a longa Revolução da *Plantation*.[43]

A minha formulação original da fronteira da mercadoria sintetizou Marx, Wallerstein e Webb. Virei a ideia clássica de Marx no *Capital* de cabeça para baixo: a ascensão do capitalismo dependeu da mobilização específica das "fontes ori-

38 WALLERSTEIN, *The Modern World-System I*, op. cit., p. 88.

39 WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System II*: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750. New York: Academic Press, 1980. p. 162.

40 Argumentos sobre a exaustão do solo têm uma longa história, especialmente na historiografia da agricultura de *plantation*. Ver CRAVEN, Avery Odelle. *Soil Exhaustion as a Factor in the Agricultural History of Virginia and Maryland, 1607-1860.* Urbana: University of Illinois Press, 1926. As afinidades dos argumentos sobre a exaustão do solo com o neo-malthusianismo são fortes. Ver VOGT, William. *Road to Survival.* New York: William Sloane and Associates, 1948. O debate gira em torno de como conceitualizar a exaustão do solo. A discussão, em suma, é se a exaustão do solo é acima de tudo técnica ou demográfica, ou, alternativamente, se é uma relação metabólica de exploração de classe e formas específicas de dominação como o racismo.

41 MARX, *Capital*, Vol. 1, op. cit., p. 638.

42 MINTZ, Sidney W. *Sweetness and Power*: The Place of Sugar in Modern History. New York: Penguin, 1986.

43 SHERIDAN, Richard B. The *Plantation* Revolution and the Industrial Revolution, 1625-1775. *Caribbean Studies*, v. 9, n. 3, p. 5-25, 1969.

ginais de toda a riqueza". Ao fazê-lo destaquei a centralidade do trabalho não-pago, do proletariado da *plantation*, e do que hoje chamo de biotariado: os solos, rios e florestas necessários ao Rei Açúcar.[44] Nesta primeira formulação, levei a sério os *insights* geográficos de Wallerstein sobre a "exaustão ecológica" serializada do solo e da força de trabalho. Combinados com sua ênfase na reorganização da "ecologia mundial" do capitalismo, a minha conceitualização provisória da fronteira da mercadoria podia então ser situada em dois processos histórico-mundiais: as dinâmicas de "formação mundial de classe" e os projetos imperialistas para "controlar fluxos [de]... mais valor" entre centro e periferia.[45]

A fórmula da Grande Fronteira de Webb e sua teoria dos lucros *windfall* como o motor decisivo – ou ao menos indispensável – da prosperidade capitalista tem duas grandes virtudes, como vimos. Ela ressoa com a crítica anti-imperialista do capitalismo e de sua apropriação de naturezas extra-humanas por meio da conquista e dominação imperiais. E sua "teoria invertida do produto" permitiu uma concepção socioecológica do capitalismo sem o fetichismo da substância encontrado em Innis, posteriormente incorporada por gerações de analistas "verdes" de sistemas-mundo.[46]

---

44 Sobre o biotariado, ver MOORE, Jason W. The Opiates of the Environmentalists? Anthropocene Illusions, Planetary Management and The Capitalocene Alternative. *Polen Ekologi*, 9 Dec. 2021. Disponível em: https://www.polenekoloji.org/opiates-of-the-environmentalists-anthropocene-illusions-planetary-management-the-capitalocene-alternative/. Acesso em: 19 mar. 2023.

45 Na verdade, "centro, semiperiferia e periferia" são, nessa interpretação, apenas "resumos" de fluxos de excedente politicamente mediados em escala-mundo, e a luta de classes em torno desses fluxos: "Centro e periferia, portanto, são apenas frases para localizar uma parte crucial do sistema de apropriação de excedentes pela burguesia. Para simplificar radicalmente, o capitalismo é um sistema no qual o mais valor do proletário é apropriado pelo burguês. Quando esse proletário está localizado em um país distinto daquele do burguês, um dos mecanismos que têm afetado esse processo de apropriação é a manipulação do controle de fluxos (de mais valor) através de fronteiras estatais. Isso leva a padrões de "desenvolvimento desigual" que estão *resumidos* nos conceitos de centro, semiperiferia e periferia. *Esta é uma ferramenta intelectual para analisar as múltiplas formas de conflito de classe na economia-mundo capitalista*". WALLERSTEIN, Immanuel. *The Capitalist World-Economy.* Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 293, ênfase minha.

46 Dentre os mais instigantes dessa corrente estão BUNKER, Stephen G.; CICCANTELL, Paul S. *Globalization and the Race for Resources.* Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 2005.

Minhas ideias sobre a fronteira da mercadoria surgiram de uma pequena observação: a expansão geográfica no início do capitalismo não podia ser explicada exclusivamente por dinâmicas de mercado, rivalidades geopolíticas ou luta de classes. O determinismo ambiental também não explicava nada, fosse pelo rigor do clima, doenças catastróficas, exaustão do solo, e assim por diante – que geralmente expressavam um neo-malthusianismo ambiental. O movimento espetacular de conquista e mercantilização iniciado em torno da década de 1470, havia abarcado algo em torno de 4 milhões de quilômetros quadrados em fins do século 17, mais do que dobrando o território de hegemonia "europeia".[47] (O que se entende por "Europa" é complexo pois várias fronteiras fundamentais da mercadoria – aquelas que dependiam de artefatos navais, madeira, potassa, ferro, cobre e mesmo a agricultura de cereais – se desenvolveram em zonas celtas e eslavas que não devem ser simplesmente presumidas como parte da Europa.) As interpretações predominantes – incluindo marxistas – simplificaram as contradições metabólicas da transição ou reduziram as teias da vida a um substrato material passivo, como no fetiche popular da "pegada ecológica".[48]

As contradições sócio-ecológicas daí resultantes eram lucrativas – e problemáticas. Elas permitiram a consolidação da ecologia-mundo capitalista, mas exauriram as "fontes originais de toda a riqueza – a terra e o trabalhador."

Nenhuma dessas interpretações se adequavam à minha interpretação do complexo açucareiro, que chamou a minha atenção na década de 1990. A contradição metabólica estava por toda parte nessa historiografia extraordinária: na fertilidade do solo, mas também na exaustão da força de trabalho, manifesta na terrível mortalidade da escravidão. Daí começou uma longa jornada, ainda em curso: a emergência de um "vasto, porém fraco" capitalismo dependeu novo, e profundamente contraditório, metabolismo de poder, lucro e vida. Esse metabolismo contraditório é o que torna

47 WALLERSTEIN, *The Modern World-System I*, op. cit., p. 68.

48 WACKERNAGEL, Mathis; REES, William. *Our Ecological Footprint.* Gabriola Island, BC: New Society Publishers, 1998.

o capitalismo uma ecologia-mundo.[49] Em minha leitura de Marx, potencializada por James O'Connor, não há qualquer contradição social ao lado, e separada, de uma contradição ecológica.[50]

Em vez disso, considero a famosa passagem de Marx sobre o processo de trabalho e o metabolismo como uma afirmação ontológica e uma diretriz metodológica: o processo de trabalho é, de forma desigual e combinada, um antagonismo metabólico. Os vários antagonismos do capitalismo contém uma contradição metabólica, que não deve ser reificada e simplesmente "adicionada" aos processos sociais, econômicos, políticos e culturais. A dialética fornece uma visão alternativa para as formas vazias da Aritmética Verde.[51] A teoria da fronteira da mercadoria, em outras palavras, não defende a adição de um novo fator – "o ambiente" – à luta de classes, geopolítica e mercados; ela defende que a luta de classes, geopolítica e mercados são, de saída, relações com e dentro das teias da vida. O metabolismo é um momento pulsante, produtor e desestabilizante da lei do valor na teia da vida. A dialética nos permite ver aquela pulsação da vida e colocar os insights daí resultantes para trabalhar a favor da luta planetária pelo socialismo na teia da vida.

Referências

BECKERT, Sven *et al*. Commodity frontiers and global histories: the tasks ahead. *Journal of Global History*, v. 16, n. 3, p. 466-469, 2021

BECKERT, Sven *et al*. Commodity frontiers and the transformation of the global countryside: a research agenda. *Journal of Global History*, v. 16, n. 3, p. 435-450, 2021.

49 Ver FRASER, Nancy. *Cannibal Capitalism*: How our System is Devouring Democracy, Care, and the Planet – and What We Can Do About It. London: Verso, 2022.

50 O'CONNOR, James *Natural Causes*: Essays in Ecological Socialism. New York: Guilford Press, 1998.

51 MOORE, Jason W. Metabolic Rift or Metabolic Shift? Dialectics, Nature, and the World-Historical Method. *Theory & Society*, v. 46, n. 4, p. 285-318, 2017.

BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. 2nd ed. New York: Harper & Row, 1972 [1966]. v. 1.

BRENNER, Robert. Agrarian class structure and economic development in pre-industrial Europe. *Past & Present*, v. 70, p. 30-75, 1976

BORGSTROM, Georg. *The Hungry Planet*: The Modern World at the Edge of Famine. New York: The MacMillan Company, 1965.

BUNKER, Stephen G.; CICCANTELL, Paul S. *Globalization and the Race for Resources.* Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 2005.

BURKETT, Paul. *Marx and Nature.* New York: St. Martin's Press, 1999.

CAMPLING, Liam. The tuna "commodity frontier": business strategies and environment in the industrial tuna fisheries of the Western Indian Ocean. *The Journal of Agrarian Change*, v. 12, n. 2-3, p. 252-278, 2012.

CATTON, William R. *Overshoot*: The Ecological Basis of Revolutionary Change. Urbana: University of Illinois Press, 1982

CRAVEN, Avery Odelle. *Soil Exhaustion as a Factor in the Agricultural History of Virginia and Maryland, 1607-1860.* Urbana: University of Illinois Press, 1926.

CRONON, William; MILES, George A.; GITLIN, Jay (ed.). *Under an Open Sky: Rethinking America's Western Past.* New York: W. W. Norton and Company, 1993.

CRONON, William. *Nature's Metropolis*: Chicago and the Great West. New York: W. W. Norton and Company, 1991.

FLORES, Dan. Thinking about Bioregional History. *In*: MCGINNIS, M. V. (ed.). *Bioregionalism.* New York: Routledge, 1999. p. 43-60.

FOSTER, John Bellamy. *Marx's Ecology: Materialism and Nature.* New York: Monthly Review Press, 2000.

FRASER, Nancy. *Cannibal Capitalism*: How our System is Devouring Democracy, Care, and the Planet – and What We Can Do About It. London: Verso, 2022.

HARVEY, David. Population, Resources, and the Ideology of Science. *Economic Geography*, v. 50, n. 3, p. 256-277, 1974.

HARVEY, David. *The Limits to Capital.* Chicago: University of Chicago Press, 1982. p. 25-26.

HARVEY, David. The spatial fix – Hegel, von Thünen, and Marx. *Antipode*, v. 13, n. 3, p. 1-12, 1981.

INNIS, Harold A. *Essays in Canadian Economic History.* Toronto: University of Toronto Press, 2017.

JAKES, Aaron G.; SHOKR, Ahmad. Finding value in Empire of Cotton. *Critical Historical Studies*, v. 4, n. 1, 107-136, 2017.

JONES, Eric L. The Environment and the Economy. *In*: BURKE, Peter (ed.). *The New Modern Cambridge History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. v. 13: Companion Volume. p. 15-42.

LEWONTIN, Richard; LEVINS, Richard. Organism and environment. *Capitalism Nature Socialism*, v. 8, n. 2, p. 95-98, 1997.

MALM, Andreas. *Fossil Capital*: The Rise of Steam Power and the Roots of Global Warming. London: Verso, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Frederick. The German Ideology. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Frederick. *Collected Works, Vol. 5: Marx and Engels 1845-1847.* London: Lawrence & Wishart, 2010. p. 19-539.

MARX, Karl. *Capital*, Vol. 1. New York: Vintage, 1977.

MARX, Karl, *Capital*, Vol. 3. New York: Vintage, 1981.

MARX, Karl. *Theories of Surplus Value*, Vol. III. Moscow: Progress Publishers, 1971.

MCDONOUGH, Tom (ed.). *Guy Debord and the Situationist International*: Texts and Documents. Cambridge, MA: The MIT Press, 2004.

MINTZ, Sidney W. *Sweetness and Power*: The Place of Sugar in Modern History. New York: Penguin, 1986.

MOORE, Jason W. Amsterdam is Standing on Norway Part I: The Alchemy of Capital, Empire, and Nature in the Diaspora of Silver, 1545-1648. *The Journal of Agrarian Change*, v. 10, n. 1, p. 33-68, 2010.

MOORE, Jason W. Amsterdam is Standing on Norway Part II: The Global North Atlantic in the Ecological Revolution of the Long Seventeenth Century. *The Journal of Agrarian Change*, v. 10, n. 2, p. 188-227, 2010.

MOORE, Jason W. Capitalism as World-Ecology: Braudel and Marx on Environmental History. *Organization & Environment*, v. 16, n. 4, p. 431-458, 2003.

MOORE, Jason W. *Capitalism in the Web of Life*. London: Verso, 2015.

MOORE, Jason W. *Ecology and the Rise of Capitalism*, 2007. Dissertação (Doutorado em Geografia) – Department of Geography, University of California, Berkeley, 2007.

MOORE, Jason W. Empire, Class & The Origins of Planetary Crisis: The Transition Debate in the Web of Life. *Esboços*, n. 28, p. 740-763, 2021

MOORE, Jason W. Metabolic Rift or Metabolic Shift? Dialectics, Nature, and the World-Historical Method. *Theory & Society*, v. 46, n. 4, p. 285-318, 2017.

MOORE, Jason W. Nature and the Transition from Feudalism to Capitalism. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 26, n. 2, p. 97-172, 2003.

MOORE, Jason W. Madeira. Sugar and the Conquest of Nature in the "First" Sixteenth Century, Part I: From "Island of Timber" to Sugar Revolution, 1420-1506. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 35, n. 4, 345-390, 2009

MOORE, Jason W. Madeira. Sugar and the Conquest of Nature in the "First" Sixteenth Century, Part II: From Local Crisis to Commodity Frontier, 1506-1530. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 33, n. 1, p. 1-24, 2010.

MOORE, Jason W. Sugar and the Expansion of the Early Modern World-Economy: Commodity Frontiers, Ecological Transformation, and Industrialization. *Review: A Journal of the Fernand Braudel Center*, v. 23, p. 409-433, 2000.

MOORE, Jason W. The Capitalocene, Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy. *The Journal of Peasant Studies*, v. 45, n. 2, p. 237-279, 2018.

MOORE, Jason W. The Modern World-System as Environmental History? Ecology and the Rise of Capitalism. *Theory & Society*, v. 32, n. 3, p. 307-377, 2003.

MOORE, Jason W. The Opiates of the Environmentalists? Anthropocene Illusions, Planetary Management and The Capitalocene Alternative. *Polen Ekologi*, 9 Dec. 2021. Disponível em: https://www.polenekoloji.org/opiates-of-the-environmentalists-anthropocene-illusions-planetary-management-the-capitalocene-alternative/. Acesso em: 19 mar. 2023.

MOORE, Jason W. Über die Ursprünge unserer ökologischen Krise. *Prokla*, n. 185, p. 599-619, 2016.

NIBLETT, Michael. *World Literature and Ecology*: The Aesthetics of Commodity Frontiers, 1890-1950. New York: Palgrave Macmillan, 2020

O'CONNOR, James *Natural Causes*: Essays in Ecological Socialism. New York: Guilford Press, 1998.

PAGE, Brian; WALKER, Richard. Nature's Metropolis: The Ghost Dance of Christaller and von Thünen. *Antipode*, v. 26, n. 2, p. 152-162, 1994.

PATEL, Raj; MOORE, Jason W. *A History of the World in Seven Cheap Things*. Berkeley: University of California Press, 2007.

POLANYI, Karl. *The Great Transformation.* Boston: Beacon, 1954 [1942].

POMERANZ, Kenneth, *The Great Divergence*: China, Europe, and the Making of the Modern World Economy. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

SHERIDAN, Richard B. The *Plantation* Revolution and the Industrial Revolution, 1625-1775. *Caribbean Studies*, v. 9, n. 3, p. 5-25, 1969.

THÜNEN, Johann Heinrich von. *Isolated States*: An English Edition of Der Isolierte Staat. Peter Hall (ed.). London: Pergamon, 1966.

TOBIN, Gregory. Walter Prescott Webb. In: *Historians of the American Frontier*. WUNDER, John (ed.). Westport, CT: Greenwood Academic Press, 1989. p. 713-729.

TOMICH, Dale W. *Slavery in the Circuit of Sugar*: Martinique and the World-Economy, 1830-1848. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1990.

TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the Frontier in American History*. Trabalho apresentado no encontro anual da American Historical Association, Chicago, 12 jul. 1893. Disponível em: http://nationalhumanitiescenter.org/pds/gilded/empire/text1/turner.pdf. Acesso em: 19 mar. 2023.

VOGT, William. *Road to Survival.* New York: William Sloane and Associates, 1948.

WACKERNAGEL, Mathis; REES, William. *Our Ecological Footprint.* Gabriola Island, BC: New Society Publishers, 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Capitalist World-Economy.* Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 293.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System I*: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. New York: Academic Press, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System II*: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750. New York: Academic Press, 1980.

WEBB. Walter Prescott. The Great Frontier: A Disappearing Boom. *The Georgia Review*, v. 8, n. 1, p. 17-28, 1954.

WEBB, Walter Prescott, *The Great Plains.* 2nd. ed. Lincoln: University of Nebraska Press, 2022 [1931].

WORSTER, Donald, Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective in History. *The Journal of American History*, v. 76, n. 4, p. 1087-1106, 1990.

LEONARDO MARQUES
ALEXSANDER GEBARA
(ORGANIZADORES)

HISTÓRIA DAS MERCADORIAS

Casa Leiria
PROEX
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CAPES

LEONARDO MARQUES
ALEXSANDER GEBARA
(ORGANIZADORES)

HISTÓRIA DAS MERCADORIAS

TRABALHO, MEIO AMBIENTE E CAPITALISMO MUNDIAL (SÉCULOS XVI-XIX)

CASA LEIRIA
SÃO LEOPOLDO/RS
2023

História das mercadorias: trabalho, meio ambiente e capitalismo mundial (séculos XVI-XIX)

Leonardo Marques e Alexsander Gebara (organizadores)

Imagem da capa: Imagem sem título (Transporting Sugar Hogsheads by Boat), Slavery Images: A Visual Record of the African Slave Trade and Slave Life in the Early African Diaspora.

Apoio: PROEX/PPGH-UFF/CAPES.

Os textos e imagens são de responsabilidade de seus autores.

EDITORA CASA LEIRIA – CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Einsfeld Mattos (UFRGS)
Ana Patrícia Sá Martins (Uema)
Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo (UERN)
Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinoco (UFRN)
Haide Maria Hupffer (Feevale)
Isabel Cristina Arendt (Unisinos)
José Ivo Follmann (Unisinos)
Luciana Paulo Gomes (Unisinos)
Luiz Felipe Barboza Lacerda (Unicap)
Márcia Cristina Furtado Ecoten (Unisinos)
Rosangela Fritsch (Unisinos)
Tiago Luís Gil (UnB)

H673 História das mercadorias: trabalho, meio ambiente e capitalismo mundial (séculos XVI-XIX) [recurso eletrônico] / organização Leonardo Marques, Alexsander Gebara. – São Leopoldo: Casa Leiria, 2023.

Disponível em:<http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/historia/historiadasmercadorias/index.html >

ISBN 978-85-9509-084-2

1. História – Comércio de mercadorias. 2. História – Mercadorias – Capitalismo mundial. 3. Comércio de mercadorias – História. I. Marques, Leonardo (Org.) II. Gebara, Alexsander (Org.).

CDU 94:339

Catalogação na Publicação
Bibliotecária: Carla Inês Costa dos Santos – CRB 10/973

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

HISTÓRIA DAS MERCADORIAS

TRABALHO, MEIO AMBIENTE E CAPITALISMO MUNDIAL (SÉCULOS XVI-XIX)

SUMÁRIO

9 **Introdução: uma pequena coleção de história das mercadorias**
Alexsander Lemos de Almeida Gebara
Leonardo Marques

ESTIMULANTES

21 **1. Capitalismo, classe e a fronteira da mercadoria: em defesa da dialética, contra a aritmética verde (Prólogo)**
Jason W. Moore

41 **2. O açúcar e a expansão da economia-mundo na era moderna: fronteiras da mercadoria, transformação ecológica e industrialização**
Jason W. Moore

79 **Infiltrando impérios: o tabaco e o mercado Atlântico global (séculos XVI-XVIII)**
Gustavo Acioli Lopes

125 **Duas colônias cafeeiras: escravidão e meio-ambiente no Suriname e em Saint-Domingue, c.1750-1790**
Rafael de Bivar Marquese

181 **Dentro e fora do exclusivo colonial: a circulação do cacau-chocolate na era mercantilista (séculos XVI a XVIII)**
André Luiz Sales Melo

ALIMENTOS

217 **A farinha de mandioca e a formação do mundo Atlântico na época moderna**
Lara de Melo dos Santos

235 **A produção, o comércio e o consumo do charque/ *tasajo* no Atlântico escravista: Buenos Aires, Montevidéu e Rio Grande do Sul (1780-1900)**
Jonas Vargas